



Galato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração, fotocomp. e Imp.: Casa do Galato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (0 5 5) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Quinzenário • 19 de Agosto de 1995 • Ano LII - N.º 1342 - Preço 30\$00 (IVA incluído)
Fundador: Padre Américo — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



O cruzeiro da nossa Aldeia de Malanje

MALANJE DIA-A-DIA

O que interessa é tê-lo dentro do coração

• Um meu amigo tinha na sua sala de jantar um «lindo» Cristo em pau preto. Ao visitá-lo — há anos — notei no lugar d'Ele a pintura dum artista célebre.

— Arrumaste o Cristo?... Ele enchia a sala!

— Um amigo ofereceu-me esse quadro...

Não continuou de atrapalhado.

— Sabes?... — E contei-lhe o que

me sucedera com um crucifixo que um sacerdote — na hora da morte — pediu para ser entregue a uma senhora da Póvoa de Varzim:

Após a independência de Angola, numa das minhas viagens, trouxe comigo dois meninos mestiços para se irem juntar ao pai no Canadá. Tratei dos documentos, sobretudo, a autorização da Embaixada Portuguesa sem a qual não poderiam desembarcar em Lisboa. Na hora da partida, ao chegarmos à polícia de fronteira, os três funcionários olharam-me de revés — julgando talvez

que eu era o pai das crianças.

Daí o interrogatório aos meninos:

— *Porque deixais a vossa mãe?*

— *Porque ides para outra terra?*

— *Que mal vos fez Angola?*

Cada vez que eu tentava falar era fulminado «de alto a baixo».

— Deixe-me explicar, por favor...

— *Cale-se e entre naquela cabina para ser revistado.*

O chefe meteu o documento-«chave» na gaveta...

— Sem esse documento... acudi eu.

— *Não dou documento nenhum, arranje-se.*

E saí batendo a porta.

O revistador já me esperava, agressivo:

— *Abra a pasta.*

Logo no cimo, para não amachucar, tinha colocado o «meu Cristo» para a tal senhora, embrulhadinho em papel suave. Ao ver o Senhor ficou petrificado. Olhos cravados ora no Senhor ora em mim... Devagarinho, como quem tem nas mãos o peso do mundo, depositou-O nas minhas mãos, dizendo:

— *Tome, meu senhor.*

— *Veja* — retorqui — não posso tirar os meninos em Lisboa sem aquele papelinho que o seu chefe meteu na gaveta.

Saí a correr — já estavam a chamar Lisboa — entrou no gabinete e veio entregar-me a autorização da Embaixada.

Estava eu, nesse momento, colocando o crucifixo na pasta, murmurando: — *Olha, se Te escondo?!*

Agradei ao senhor, que ainda nos disse:

— *Vão em paz!*

Continua na página 4

Continua na página 3

BENGUELA

As crianças de Angola nascem e crescem em ambiente desagregador

BEM queria dar a mão a algumas famílias que nos batem à porta a pedir a cobertura para as suas cubatas. Mas não posso. Uma chapa de fibrocimento custa mais, neste momento, do que a construção. Não há outro material que possa substituir aquele. Por isso, é muito frequente ver a família inteira a dormir dentro de quatro paredes, sem tecto.

Com a desvalorização da moeda oficial a um ritmo assustador, o povo não vê caminhos honestos para viver. Tudo é alterado. A consciência é formada à luz de regras viciadas e de contra-valores. Farrapos humanos tentam a sobrevivência a todo o custo.

As crianças de Angola, na sua maioria absoluta, nascem e crescem neste ambiente desagregador. São gerações a necessitarem duma autêntica reconstrução. Vejo, todos os dias, o símbolo dessa realidade de que vos estou a falar. Grupos de garotos descem do Bairro, diariamente, à busca de tudo o que podem levar de nossa Casa. Quando são descobertos, mais parecem cabras do mato a fugir do que gente que tem sua casa e sua família, mas sem quaisquer possibilidades de vida digna. Estou a tentar pôr-lhes a mesa. A porta do pão abre para a estrada da recuperação. Tenho, porém, um receio: que a multidão venha a engrossar de tal modo que não seja capaz de aguentar a carga. Somos consumidos constantemente por estas aflições. Não queremos rejeitá-las porque são o preço da conquista da liberdade que buscamos para estes filhos.

A sociedade é geradora de marginais

A sociedade, como está, nesta hora, leva em si mesma a semente de criminosos. É geradora de marginais, que se vão fazendo desde pequenos. À falta de bens de consumo básicos segue-se a impossibilidade de adquirir os que há, porque o povo não tem dinheiro. O desemprego é um fenómeno social. Simultaneamente cresce a riqueza de pequenos grupos. O problema é tão grave que o caminho escolhido por muitos para conseguirem matar a fome é o do roubo, dos assaltos à mão armada, o caminho do crime. Esta pode não ser a única explicação, mas tem a sua validade séria. Neste momento, a Casa do Gaiato também foi vítima dum crime que atingiu uma vasta zona. A linha que transportava corrente de alta tensão para a nossa cabina foi cortada em dois lanços e foram roubados os cabos de cobre. Ninguém está livre e seguro. Participamos, deste modo, com o povo, da insegurança reinante. Temos esperança no gerador que, nesta hora, ainda está no porto do Lobito, oferecido por pessoa muito, muito amiga. Deste modo, seremos libertados do pesadelo que nos aflige, há cerca de quinze dias.

No meio de tão grande confusão, uma certeza justifica a nossa vida e a de todos aqueles e aquelas que decidiram seguir os caminhos do Reino de Deus. Ele avança. É Reino de Paz e Justiça, de Liberdade e Amor. Queremos estar sempre neste caminho. Daí a confiança ilimitada numa Angola que vai ser uma terra nova.

São lentos os caminhos da paz

Os caminhos da paz são muito lentos. Estão a atingir um dos pontos mais sensíveis e, por isso, decisivos. É o desarmamento das forças militares.

Continua na página 4

ESCOLA

A importância da Escola e a responsabilidade dos que a conduzem em fase de iniciação

AS férias vão em meio. Antes da dispersão que elas provocam, de todos os níveis escolares em que temos rapazes, eles e nós reflectimos sobre os resultados do ano findo, que até não foram maus; e, nos pontos fracos achados, procurámos lição que favoreça melhor sucesso no ano que aí vem. Claro que tudo passa, e nada substitui o empenhamento de cada um. Realidade que os mais adiantados têm obrigação de entender e de assumir, mas muito difícil para os que iniciam lides escolares, mercê da sua pouca idade ou da falta de hábitos de estabilidade e disciplina quando chegam da rua algo já avançados nos anos. Daí a importância da Escola e a responsabilidade dos que a conduzem nesta fase de iniciação.

A Escola Primária começou com algum nervosismo, mas depressa veio a acalmia e me parece que foi dos melhores anos em termos de coesão entre todos os Professores e entre estes e a Comissão de Pais, que aqui tem expressão numérica singular para a quase centena de alunos que povoam a escola. Vantagem da singularidade, julgo, a não-abstenção desta parcela tão importante para o esforço docente — sempre, e em especial quando cada aluno é marcado por um drama e às vezes, por comportamentos desconcertantes, como acontece entre nós.

Conferência de Paço de Sousa

MISÉRIA — Naquele dia houve uma alteraçãozinha na rotina de quem serve os Pobres. O caso não era para menos: Topa-se um casal doente, sem benefícios da Segurança Social, sem nada. Por tudo isso, e outras coisas mais.

Pouca limpeza, também. Não é caso único. Talvez um problema difícil — de miséria — por arrastamento.

Bendizemos o gosto nato da mais humilde alentejana, especialmente na limpeza e caiação assídua de sua casa. Está-lhe na alma. No coração. Na tradição. São portuguesas como as demais.

Vicentinos(as) houve que foram logo a caminho com remédios, alimentação, etc.

Bendito seja Deus!

OBRAS — Prosseguem as obras por administração directa, em moradias do Património dos Pobres, por mão de gente que evita sobrecarregar os Pobres do ponto de vista material.

A pouco chegaria quanto se investe, paulatinamente, na conservação destas casas que Pai Américo levantou, naquele tempo, servindo de bandeira a milhares delas, construídas em todo o País para os abarracados — Património dos Pobres; e como anúncio da Boa Nova aos homens de boa vontade. Mensagem de Fogo abrasando a alma e o coração das gentes!

O tesoureiro da Conferência pôs na mão dos trabalhadores mais um cheque de cento e tal mil, de materiais e mão d'obra. Não tarda a emitir outro, que o serviço não pára nos fins-de-semana.

PARTILHA — Cinco mil, do assinante 42971, de Ovar, com as habituais intenções. Vale de correio, com 15.000\$00, de M. Vilhena, Queluz. Assinante 14493, do Porto: «Vindo das termas, onde procurei um pouco de saúde, apresso-me a pôr em dia as minhas obrigações. Assim, junto a minha contribuição de Julho para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Assinante 57002, da Senhora Hora: «Envio a minha pequena ajuda (15.000\$00) para os Pobres da Conferência, que distribuirão como melhor entenderem. O Senhor nos ajude a ser menos egoístas e a não esquecermos os irmãos mais necessitados. Desejo a todos umas boas férias. Não é necessário agradecer nem mandar recibo. Peço uma oração pela minha família e por uma pessoa amiga que teve um acidente».

Assinante 7186, de Aveiro, saúde, de início: «Paz e Alegria no Senhor». Recado: «Mando um pequeno donativo, pedindo desculpa por ser pouco. Gostaria que 2.500\$00 fossem para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Deus vos ajude por todo o Bem que fazem. E Pai Américo interceda, junto de Deus, pelo meu neto — deficiente físico».

O habitual óbolo do casal-assinante 11902, do Fundão. Mais dez mil, da assinante 9708, que dá um simpático raspante por termos quebrado um nadinha o seu anonimato. E acrescenta: «Calculo que a conta da farmácia esteja sempre bem 'aviada'. Isto é uma pequena ajuda por alma de meus pais». No entanto, a carta traz lá impresso: «Ancorai-vos no Senhor». A nossa Âncora!

Pelas CASAS DO GAIATO

Mais dez mil, da assinante 60788, do Porto, «para as necessidades mais prementes. Não precisam de agradecer. Tantas são as graças que tenho recebido, que sei não ser digna delas».

Outros quinze, da assinante 12325, de Lisboa, «para ajudarem qualquer caso apontado em vossa coluna — n'O GAIATO».

Mais cinco mil, daquela visitante que aparece, assiduamente, com discreção — e um sorriso de Paz. A Paz do Senhor. Registámos as intenções.

«Velha amiga da Figueira» exulta — como tantos outros — pelo Processo de Canonização de Pai Américo. E deixa dez mil, em nossas mãos, para os Pobres que tanto amou — sua coroa de glória.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PISCINA — Este ano, abriu um pouco mais tarde do que o habitual. Depois da limpeza e desinfecção, encheu-se. A morosidade foi motivada pela escassez de água e não só... Com bastante alegria já inaugurámos a época dos banhos. Que bom!

FÉRIAS — São sempre apetecidas e bem vindas. No geral, as da malta da Casa são passadas em Azurara, quase sempre na companhia de dois casais que se encontram ao serviço da Obra. Também aqui, e graças a Deus, não falta alegria e boa disposição.

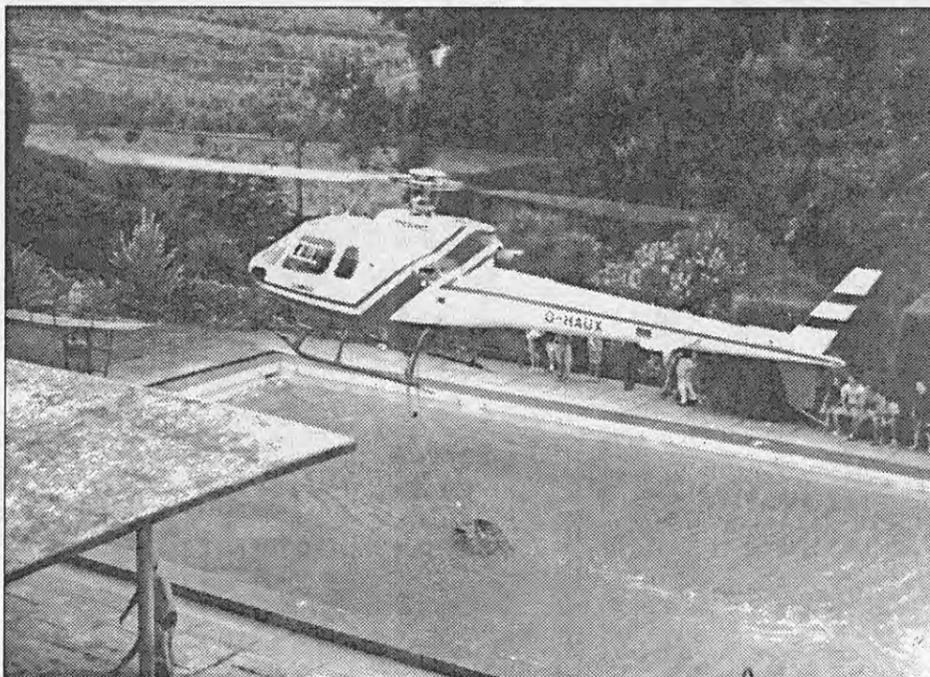
VISITAS — Temo-las todos os dias. Agora, alguns Amigos que nos visitam, são do Sul. Aproveitando a sua estadia em tratamento nas termas de S. Vicente e férias no Inatel.

LAVOURA — Procedem à apanha da batata. Há dias, até o nosso Padre Carlos andou por lá agachado na recolha do precioso tubérculo! A colheita não tem sido má, mas com as 170 bocas que temos — não chega para todo o ano.

O nosso milho está a crescer, graças a Deus.

PRAIA — O segundo turno regressou. Todos morenos e com saudades dos companheiros. O terceiro já foi. Desejamos umas boas férias.

OBRAS — As Escojas «velhas» estão em obras. É o telhado. A armação de madeira apodreceu em parte e está a ser substituída por vigas de cimento e a placa do tecto será no mesmo material. Depois da segurança virão os alindamentos. Trolhas e carpinteiros vão ter muito que fazer. Mas é trabalho que já se pode fazer em tempo de aulas sem



O helicóptero abastecia-se de água para apagar o incêndio.

prejudicar o seu funcionamento, visto que a zona afectada é o salão de festas.

MAIS UM IRMÃO — É o Victor. Veio de Cova do Douro e tem 12 anos. Espero que tudo lhe corra bem e que sinta o amor e carinho de todos nós.

Marco Paulo

FUTEBOL — Parece que pegou...!

Mais uma vez fizemos o mini-torneio, junto à adega.

É realizado da seguinte forma: Todos os interessados dão o nome, com a entrega de 50\$00. Depois escolhe-se três cabeças de séries. Neste sábado, 15 de Julho, foram o Toni, «Caneco» e «Banana».

Seguiu-se entretanto o sorteio das equipas. Cada uma é constituída por oito elementos. Depois é o *bota fora*. A equipa que marcar primeiro dois golos, continua em campo; e a que perde, sai para entrar outra. É realizado entre as 14,30 e as 17,30 horas. Vence o torneio, a equipa que conseguir ganhar mais jogos até à hora determinada para acabar.

Tem sido, para nós, em tempo de férias, um divertimento à brava.

Desta vez a equipa que ganhou foi a do Toni, com oito vitórias; constituída pelos seguintes elementos: «Ruca», Paulo «Mudo», Kim-Zé, Toni, Lupricínio, Xavier, Nelito e «Faneça».

Em segundo lugar ficou a equipa do «Caneco» com uma vitória. A última foi a equipa do «Banana».

O prémio foi de 1.200\$00, e parece que foram bem gastos!

INCÊNDIO — Em 24 de Julho houve um incêndio em Paço de Sousa. Era tão grande que os bombeiros, só por via

terrestre não conseguiram combatê-lo. Por isso, tiveram uma boa ajuda: um helicóptero.

Primeiro vimo-lo a sobrevoar a nossa Aldeia e quando demos fé dirigiu-se à piscina. O pessoal não se conteve de entusiasmo a apreciar o que se passava...! O helicóptero abastecia-se de água para apagar o incêndio.

E assim conseguiram combater uma praga que causa muitos problemas à floresta e também dá muito trabalho aos soldados da paz.

Foi um acontecimento histórico na comunidade, pois vimos a nossa piscina salvar uma extensa floresta!

Afinal, ela não serve só para tomar banho...!

Repórter X

TOJAL

FÉRIAS — O segundo grupo chegará brevemente e, depois partirá o terceiro.

PISCINA — Continuamos a mostrar que também sabemos fazer outros desportos, como a natação. Muitos pequenos já sabem nadar; e quase todos os grandes e médios.

OBRAS — Continuamos no arranjo e modificações da casa-mãe, que tanto precisava! Após as obras, com certeza parecerá outra.

OBRIGAÇÕES — Continuamos com a nossa tática: pôr a malta a fazer a copa ao almoço e ao jantar — para termos mais pessoal disponível.

VISITAS — Recebemos muitas pessoas durante a semana. Gostam muito de ver a

malta na piscina e a mergulhar dum lado para o outro.

AGRICULTURA — Já apanhámos a batata, a fava e o feno. Falta ainda o tomate e algumas coisas mais, sem falar na rega diária dos terrenos.

OFERTAS — Nesta época recebemos muitos refrescos e gelados, o que é muito bom, e também diversas coisas de que gostamos muito.

OFICINAS — A tipografia e a carpintaria estão de férias. A serralharia e o escritório, no activo. E assim ficarão, durante as férias.

FUTEBOL — Continuamos a praticar mais e melhor o desporto-rei. O grupo que já veio de férias disse que o campo que lá temos é muito bom e jogar futebol na praia é uma maravilha. O problema é a bola: quando falha na baliza está sujeita a acertar em alguém...! Que nos perdoem, se faz favor.

Joaquim M. Fernandes Pinto

Antigos Gaiatos de Malanje

O SOL JÁ BRILHA... — Ainda que a maioria não se dê conta, ou não pense nisso a sério, o tempo escoia-se a uma velocidade incrível. E tantas vezes o maltratamos, prendendo-nos a coisas vãs, inúteis e mesquinhas.

Há vinte anos atrás o sol brilhava, aquecendo a nossa Aldeia de Malanje, espalhando vida e alegria. Depois, encontrámos dias mais curtos,

noites mais longas, mais tristes porque mais escuras, mais terríficas que, se não assustaram, pelo menos entristeceram as crianças inocentes, todos nós que por lá passámos.

No entanto, em Portugal, conseguimos contemplar a natureza que nos cercava e, assim, tentámos esquecer as folhas que iam murchando até secarem.

Na Casa do Gaiato de Malanje o sol já brilha, de novo, e as crianças, chilreantes como as aves que deixaram o ninho, enchem a nossa Aldeia comunicando alegria, transmitindo a vida estuante que há nelas, sem se preocuparem com o dia de amanhã porque, hoje, ainda vogam embaladas em tantos sonhos lindos que lhes povoam a mente e o coração. São estes lindos corações que a guerra ainda não destruiu.

Saibamos nós ajudar as maravilhosas crianças a viverem a vida com sonhos de paz e em certezas de amor.

ENCONTRO ANUAL — Padre Telmo ficará triste se faltares ao nosso encontro anual em 9 e 10 de Setembro, em Sintra. Vamos dar mais um abraço amigo ao homem que tantas alegrias e tanto amor nos tem dado.

Padre Manuel Cristóvão ofereceu as instalações, com amor e carinho, na casa da praia onde temos mar e serra. A tua esposa e filhos ficarão bem instalados.

Quando forem 10.00 horas do dia 9 de Setembro queremos dar-te um abraço, recordar Padre Telmo e a nossa Casa do Gaiato de Malanje. O ponto de encontro é frente ao pavilhão gimnodesportivo (municipal), à saída de Sintra, na estrada que vai para a praia das Maças.

Alguém, amigo da Casa do Gaiato de Malanje, solicitou a sua presença no nosso convívio. A Obra da Rua é uma Porta Aberta. Venham os nossos amigos com fome para o primeiro almoço. Não prometemos instalações, mas a vossa presença é um acto de gratidão à Obra de Pai Américo.

Manuel Fernandes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «O Paraíso Terrestre é o sofrimento, e não há outro. A Dor é uma graça que não merecemos.»

Não sei se nós merecemos o que sofremos, por não vemos o nosso trabalho produzir os frutos que esperávamos. Mas só Deus sabe o que nos vai na alma. A dor, a angústia, a ansiedade de querermos resolver os problemas dos Pobres e não conseguimos.

Numa das nossas últimas reuniões, um casal estava bastante desanimado e triste, pois tudo tem feito para que uma família que visitam melhora a sua vida, sem contudo verem o trabalho dar frutos.

Depois de tanto esforço para que tivessem uma casinha decente, para que fossem uma família feliz, pensávamos que tudo estava a correr bem. Mas, afinal, enganámos-nos. Voltou o vinho, os maus tratos à mulher, aos filhos. Enfim, o lar que tanto trabalho deu a organizar, tomou a ficar esfrangalhado.

Aquela mulher que tão boa mãe tem sido para os filhos, que tanto tem sofrido, está agora internada no Hospital Conde Ferreira. É triste quando nos dedicamos de alma e

Tribuna de Coimbra

Manter o espaço habitacional o mais digno possível

CONTINUAMOS a falar acerca das nossas obras em Casa. É assunto de todos os

dias, na prática, e nem ao cronista passa despercebido. Se numa família qualquer a preocupação de manter o espaço habitacional o mais digno possível, é de todos os dias, quanto mais nós, família grande, composta de filhos oriundos de «lares» di-

versos, quantos deles, experiências degradantes em termos de habitação, disciplina e higiene...! Procuramos estar permanentemente atentos ao hábito de zelar o que é deles. Isso promove a auto-estima e educa a sensibilidade. A aprendizagem, neste caso, não é um discurso meramente intelectual; dirige-se antes de tudo à afectividade: «Em antros de miséria não se pode pregar moral», recorda lapidarmente o Padre Américo. Com as devidas ressalvas pode dizer-se o mesmo da educação. Assim, nós desejamos conservar o que é útil e renovar o que não presta. Também aqui, o pensamento do Padre Américo: «A riqueza é traça. Deve ser rejeitada. Por ela vem a cobiça, mãe de muitos males». Melhor assumir a pobreza, mas lavada.

É por causa desta «pobreza lavada», entendida como factor educativo de grande valor, que nos propusemos deitar mão e coração a algumas brechas de degradação e o desgaste consequente dos anos, abrimos entre nós. Não é tarefa fácil, por bolir em espaços interiorizados. Mas a necessidade e o rapaz, centro de todo o nosso pensar e agir, faz-nos mexer. E ainda aqui se cruza o pensamento intuitivo do Padre Américo no que hão-de ser as Aldeias do Gaiato: «Amor, ar puro, boa cama e mesa, moral, portas abertas, liberdade, casas dispersas, airoas, asseadas, cheias de luz. Avenidas. Hortas, jardins e flores. A Juventude no meio da Natureza».

A nossa água

Andamos agora às voltas com a nossa água, que há muito se mostrava insuficiente. Ela pródiga no nosso olival! Um estudo técnico está-nos ajudando a resolver este problema.

Em breve, a Escola um edifício praticamente novo, amplo e muito funcional. Não fora ela a preocupação das preocupações nossas, hesitaríamos na, sua construção, dado o preço que, já sabemos, é elevado para as nossas posses.

Os muros em frente da nossa Casa e do campo de futebol, estavam a pedir «clemência». Um já está erguido em betão e o outro vai em breve. Muito mais virá a seguir por força da necessidade sentida, dentro e fora; muito mais, por força da criança e do rapaz a quem nos devotamos, do seu bem-estar e crescimento saudável.

Venda d'O GAIATO

Hoje é dia de venda d'O GAIATO nas ruas de Coimbra; ontem foi na Beira; segunda-feira nas praças do sul. É uma receita que olhamos sempre agradecidos. O nosso correio também nos traz muitas respostas escondidas em tantos corações. Amanhã, nem de propósito, começa a faina dos peditórios: Praia de Mira, logo a seguir o Luso. Depois, a Figueira da Foz e Curia. E, se houver um bocadinho, S. Martinho do Porto e S. Pedro de Noel. Umas «férias» cheias! Gostamos deste pedir e desta forma de receber. Aliás, não temos outras. Também sabemos que nelas, Deus se revela, sem falta.

Padre João

RETALHOS DE VIDA

MARCO PAULO



Sou o Marco Paulo da Costa Barros Chaves. Mais conhecido por Marco Paulo.

Nasci em Vila Real, em 16/5/82, e vivi em Vila Pouca de Aguiar. Tenho 13 anos. Passei

para o 6.º ano do Ensino Básico.

Vim para a Casa do Gaiato porque a minha mãe abandonou-me, com três meses, no hospital, e a minha bisavó foi-me lá buscar e criou-me até aos 9 anos. Depois, trouxe-me para aqui e ficou só com a minha irmã.

Eu gosto de estar aqui porque não me falta nada. Dão-me tudo. E é tanto, que estou já a frequentar um curso de informática muito útil para a minha vida futura, pois quero ser piloto na Força Aérea Portuguesa.

Para todos os leitores do nosso Jornal um grande abraço.

Marco Paulo

coração a determinada missão e dela não vemos o seu fruto.

Nós estamos na mesma situação. E não fora a força que, lá do Alto, Pai Américo nos alcança, já teríamos abandonado um casal que visitamos.

Quando começámos a visitar esta família, era constituída por sete elementos: mãe, pai, filha e quatro netos. Conseguimos que os rapazes fossem para a Casa do Gaiato. Só com cinco, já a vida daquela casa se tornaria mais airosa. Mas, afinal, foi sol de pouca dura. A filha deste casal, já idoso, em breve arranhou mais dois filhos. E como se isto não bastasse, os dois rapazes que tinham ido para a Casa do Gaiato regressaram a casa, como resultado das muitas visitas da avózinha, aos meninos. Nós ralhámos sempre que tínhamos conhecimento dessas visitas, pois sabíamos o resultado que iam dar. Nunca fomos ouvidos.

Agora, uma casa de duas assoalhadas, que dantes albergava sete elementos, passou a ser ocupada por onze! Tem mais o companheiro da filha do casal e um ceguinho a quem há muito deram guarida, pois a família não quer saber dele.

Dormem irmãs com irmãos, o casal velhinho e um neto na sala de jantar onde têm uma cama e onde o chefe do casal, paralítico, faz todas as necessidades o que provoca mau cheiro. A filha do casal com o companheiro e dois filhos dormem num quarto e na mesma cama e noutro quarto, o ceguinho.

Há dias, quando lá chegámos, era tamanha a confusão, que tivemos que dar meia volta e vir embora.

É realmente triste... Nós a trabalhamos para

conseguirmos salvar esta gente e, por sua vez, eles a trabalhar em sentido contrário.

Não vamos desistir. Mas continuar a lutar, tentando arranjar uma casa dum bairro camarário para a filha do casal idoso, o seu companheiro e filhos mais novos. Vamos procurar conseguir um Lar de terceira idade para o ceguinho, ficando deste modo só os velhinhos com os netos mais velhos.

Como irá ser, não sabemos. Mas temos confiança no Senhor. Entretanto, continuaremos a sofrer com eles.

«O Paraíso Terrestre é o Sofrimento, e não há outros. A Dor é uma graça que não merecemos.»

«SAIBAMOS REPARTIR O PÃO» — Neste saber repartir o pão, cujo desabafo pertence a Pai Américo, passamos a mencionar alguns amigos que desejam reparti-lo por quem necessita. Assinante 38855, 2.000\$00. Rua D. Domingos Pinho Brandão, do Porto, 20.000\$00. Mais 20.000\$00, da Rua de Marieiros, do Porto, com o pedido de não se publicar o nome. Lígia, de Fiães, 12.000\$00. Maria Leopoldina, cheque de 5.000\$00. Mil escudos de Amorim. José A. D'Eça, 10.000\$00. Vale de 3.000\$00, da assinante 10770. J.R.D., 2.000\$00. Anónimo, na Alemanha, 300 marcos. Não esquecemos o seu filho nas nossas orações. Carminda, 5.000\$00. Assinante 8896, 5.000\$00. Vale de 10.000\$00 de M. Vilhena. M.M., vale de 10.000\$00. Da nossa amiga da Boavista, como já vem sendo hábito, 5.000\$00.

Olga e Waldemar

DOCTRINA



Revelações

O livro da Obra da Rua anda em giro desde a semana finda; e os empregados das livrarias do País, atentos e solícitos, ouvem a cada momento a voz do «queira dar-me o Pão dos Pobres». De entre os infinitos livros, de infinitos autores, que ocupam as estantes das lojas, nenhum é tão grato nem tão oportuno nem tão verdadeiro como este, sem autor: *Pão dos Pobres*.

TENHO procurado nos jornais de grande curso, desde que o livro gira, qualquer palavra amiga que revelasse ao mundo o tesouro que ele é, para ser assim mais avidamente procurado; e vim a saber qual a razão do silêncio feito nos ditos jornais: — É que, disseram-me, para que as gazetas falem, é necessário pedir e oferecer, em seguida, dois exemplares da obra. Em vista de tais regras sociais, deliberei caminhar, como até aqui, sem regra; e colocar nas mãos do nosso Deus Vivo, o negócio do pão dos Seus Pobres. Há-de Ele mesmo revelar o tesouro às almas, pois que é, por natureza, o Deus da Revelação.

O negócio do livro, colocado assim nos mercados do mundo, continuará a ser feito, como até aqui, em silêncio; e se alguém disser alguma coisa dele, fá-lo-á na forma de cartas, assim:

«Padre! — Comprei hoje seu livro. Não é livro, é sangue, é alma, é pão para os que sofrerem duma fome mil vezes maior do que a dos seus gaiatos... Li-o e fiz, agora mesmo, com que dois amigos o comprassem. Mando-lhe junto este bilhete 20\$00, que no meu coração têm o valor de vinte milhões, tão grande é a vontade de os poder multiplicar vezes sem conta.»

«Também nós chegemos vossa ciência de amar e, praticando-a, de pobres nos tornamos ricos. O vosso livrinho, que mãos bondosas trouxeram às nossas, é o mais lindo compêndio de amor, que de amor puro, de amor vivo, nos tem falado. Há nele páginas que se beijam com devoção; e em todo ele o nosso coração ajoelhado vos segue em santa peregrinação. De passagem por Coimbra, repartimos com Eles do nosso tesouro e pedimo-vos a bênção do Senhor.»

(Trazia cinquenta escudos)

«Envio pelo mesmo correio um vale de 50\$00. Tenho feito propaganda do belo livro de V., que são páginas vividas que não se lêem de olhos enxutos. Do fundo da minha alma agradeço a Deus N. Senhor possuir este livro que será a minha meditação de cada hora. Vai ser comprado para a Conferência de S. Vicente de Paulo e será lido e saboreado nas reuniões de cada semana. Como me dedico quanto posso às almas sofredoras, o livro de V. ficou gravado no íntimo da minha alma bem pobrezinha, mas rica de fé, Deus seja louvado.»

«Tenho lido com consolação e com piedade de tanta miséria que avassala os Pobres, o seu livro *Pão dos Pobres*. Não quero que nas suas mãos, deixe Jesus de acrescentar os duzentos escudos que lhe desejo enviar, para os seus Pobres. Até para aqueles a quem o coração se tornou duro, que não vêem nada além do gozo, hão-de fazer bem as suas palavras. Quem me dera que aqui houvesse alguém assim, para lhe colocar aos pés todas as esmolas que pudesse, todas as migalhinhas que arranjassem! Bendito seja o Senhor em si, Rev.mo Senhor; e que Ele acrescente o que lhe envio que é dado com tão boa vontade.»

TENHO presentemente na minha ideia o vulto de alguns senhores que costumam escrever em fundo, nos periódicos do norte e do sul do País. Pela sua autoridade e convicção, podia qualquer deles ser instrumento de Deus e dizer uma palavra ao mundo acerca do *Pão dos Pobres* que levasse o mundo à convicção. Não que o preço do *Pão* subisse, mas seria certamente mais procurado, a bem do Pobre. As principais livrarias de Lisboa e do Porto estão actualmente munidas do livro; a tua palavra seria ao mesmo tempo notícia e... toque.

Padre Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Malanje dia-a-dia

Continuação da página 1

— E a si que sempre Deus o abençoe — respondi. E fomos colocar-nos na já pequena bicha da menina da TAP.

Quando acabei, o meu amigo sorriu-me. — Ouve: o que interessa, além de tudo, é tê-lo dentro do coração.

O cruzeiro da nossa Aldeia

— *Aquela cruz pesada para que é ali no meio?!*, disse e indicou-me o cruzeiro de pedra, erguido e solene, no centro da nossa Aldeia.

Expliquei ao senhor o que é um sinal, para que serve e, principalmente, a profundidade e o alcance destas pedras em cruz.

Ouviu-me atento e respeitoso — como quem chega dum longa viagem e está regressando às raízes.

Do nosso cruzeiro vêm-se agora os campos torrados pelas queimadas. O capim irá nascer de novo. Ficará tudo verde. Na alma deste Povo vão também renascer novos sonhos abençoados por este céu — azul e límpido!

Padre Telmo

O NOSSO JORNAL

OITO meses passados sobre o acidente do último Dezembro; com a correspondência em atraso finalmente arrumada; o sistema informático renovado, julgo que com toda a segurança possível; e a exigência da expedição com cinta ou em saco plástico cumprida após procura afadigada mas que acabou feliz, apesar dos sete mil contos que custou — seria tempo de respirar tranquilo e sentir como pesadelo a esquecer a realidade que foi e magoou mesmo.

Porém, «uma desgraça nunca vem só» — diz o nosso Povo — e em fins de Março fomos acordados da nossa desinformação sobre o *porte pago* (de que nos julgávamos em ordem) por factura dos Correios relativa aos jornais expedidos no mês de Janeiro.

Postos em campo, e carinhosamente acolhidos pelo Gabinete de Apoio à Imprensa, rapidamente foi reposta a normalidade; mas as despesas do trimestre, em princípio, seriam da nossa conta — conta que passa um pouco além dos dez mil contos. Logo apelámos para o senhor Sub-Secretário Adjunto do Ministro Adjunto, que é quem despacha estes processos, confessando a nossa falta e pedindo benevolência.

A resposta chegou há dias: O que, em princípio, deveria ser é mesmo, portanto a conta é nossa, é para nós, temos de a pagar. *Dura lex, sed lex!*

Como na referida factura de Janeiro, chegada em fins de Março, estavam incluídas as duas edições publicadas em Dezembro, mas que pelo tal desastre informático só em Janeiro puderam ser expedidas, novamente pedimos clemência, ao menos no que respeita a estes jornais que, se não fôra o acidente, teriam saído para os seus destinatários a coberto do *porte pago* que terminou em 31 de Dezembro. Ainda assim seria um alívio de dois mil contos, reduzindo a oito mil a conta que nos é debitada. É o último apelo. É a derradeira esperança. Vamos a ver como terminam mais estas dores de parto.

• Como sucede habitualmente nestes meses de férias, os jornais devolvidos fazem avalanche, sobretudo de terras onde até há pouco bastava o nome da pessoa e agora é preciso nome da rua, número da porta e andar e direito ou esquerdo, frente ou trazeiras. Os carteiros de zona vão de férias e quem os substitui não conhece nem pergunta e não está com meias medidas: devolve e pronto!

Apelamos, pois, uma vez mais, aos nossos Assinantes em situação como a que se descreve, que tenham paciência e actualizem os seus endereços com todos estes promenores.

Padre Carlos

Continuação da página 1

Das sete turmas, três foram regidas por professores efectivos, em quem se pode fundar a continuidade de acompanhamento, que é princípio pedagógico e aqui medida especialmente salutar. Consta-me que o quarto lugar vai ser ocupado, finalmente, pela sua titular. Quem nos dera manter nos outros três, a preencher do quadro de agregados, gente que já passou por cá e deixou boas lembranças. Seria uma «sorte grande» na «lotaria» destes concursos... É lamentável que a mesquinhez das leis, ao menos em escolas de especial cariz, não permita providenciar aos alunos os professores mais adequados, antes os deixe à mercê do acaso, que é cego!

Na Telescola o ano não correu tão felizmente. O sector de ciências acabou sem monitor, no mês e meio a final, tempo de provas e avaliações — dificuldade de que tivemos de nos desembaraçar como foi possível, sem outras providências. Foi um mau

ESCOLA

bocado, e é!, sobretudo por causa dos alunos que transitaram para o 7.º ano, de cuja preparação não queríamos ouvir queixas, como não temos ouvido, graças a Deus, em todos estes anos.

Nós somos da primeira hora da Telescola. Naturalmente *torcemos* por ela, e defendemo-la sempre de uma certa suspeita de «via de segunda qualidade» que, se já não anda, andou por aí em várias vezes maldizentes. O grande argumento era este mesmo: a ausência de queixa de falta de bases relativamente aos nossos no decurso do seu 7.º ano. Queixa que nunca queríamos ouvir, ao menos, deste nível escolar em que mais activamente participamos. E supomos que também não quererão ouvir os responsáveis do EBM, garantes da eficácia e do bom nome deste projecto de ensino. Esperamos que tenham escutado a nossa preocupação e providenciem no

sentido da maior segurança; e que o próximo ano lectivo decorra com mais êxito e tranquilidade.

A partir do 3.º ciclo do Ensino Básico a Escola fica-nos mais longe, mas nem assim temos deixado de acompanhar o mais possível. Todos passaram, do 7.º ao 11.º ano, embora um tenha «transitado» do 9.º ano com três disciplinas perdidas, umas das quais Matemática. Transitado para onde?! Deste, a explicação do fraco aproveitamento consistiu justamente na falta de bases. Sem elas, para onde poderá transitar sem risco de malogro? Oxalá, lhe cheguem ao menos, para o curso profissionalizante a que se candidatou no CICCOPN!

Mas nisto, pior do que a dele, a fragilidade me parece da falta de exigência e de austeridade que infecta a Instituição Escolar.

Padre Carlos

Benguela

Continuação da página 1

Muitos milhares de crianças e famílias ainda vivem em acampamentos, longe das suas aldeias. Quando chegará o dia de comerem o pão das suas lavras?

Que grande alegria nos trouxe o contentor das nossas Casa do sul. Ontem e hoje já tomámos leite com

pão ao pequeno-almoço. Pão seco, é certo, que não há dinheiro para lhe pôr qualquer coisa dentro. Que alegria também para aquelas mães de peitos secos e filhos anémicos, pois já temos com que lhes valer. Tantas coisas boas que nos mandaram, que a nossa comida vai ficar um bocadinho mais enriquecida.

Confesso que já não estávamos habituados. Agradecemos o carinho de Padre Cristóvão e de Padre Acílio.

O nosso 16 de Julho

O 16 de Julho já passou. Celebrámo-lo em comunhão com um grupo de rapazes mais velhos, lançados na

vida e amigos que estão muito ligados à Casa. Vivemos a circunstância particular que aconteceu na Sé Catedral do Porto: o acto de encerramento do Processo de Beatificação de Pai Américo. Resta-nos esperar confiadamente.

Padre Manuel António

Património dos Pobres

Famílias unidas e famílias desunidas

PARTIMOS de casa, já de tarde, a visitar um bairro de pobres, muito degradado, que estamos a ajudar a reconstruir.

No percurso, passando numa cidade, parámos e fomos conhecer a situação de dois meninos adolescentes para os quais tinham pedido a nossa atenção. Eles não estavam presentes, mas a vigilante pôs-nos a par da vida deles. Ficaram órfãos de mãe em pequeninos, o pai casou novamente e a madrastra nunca aceitou estas crianças.

Foram internadas em estabelecimento oficial onde só podem estar durante a semana. Sábados e domingos recorrem à polícia e aí comem e dormem.

A dita vigilante tem a convicção de que eles procuram mais uma família e não a vida de rua. Pareceu-nos serem dos nossos. Ficámos a saber de mais um drama familiar, como há muitos.

Continuámos a nossa viagem e chegámos ao destino, eram já horas do fim dos trabalhos. Encontrámos na rua muita gente da povoação e duas ambulâncias de bombeiros. Sou-

beramos aí que, pouco antes, tinha falecido o *Manel aleijadinho*.

Subimos o carreiro da encosta a caminho do conjunto das barracas. Encontrámos já todos os filhos e a multidão de netos junto da choupana da avó. Esta que, depois da morte do marido ficou com os seus dois aleijadinhos, estava inconsolável. O seu querido, a quem davam ataques com frequência, nunca assim tinha ficado: *está mortinho*.

O defunto já estava vestido e com um lençol por cima. Cá fora estava um banco que nos pareceu ir servir para o velório. Impressionou-nos muito bem a união no luto de toda aquela gente de família. Todos os olhos vertiam lágrimas. *Morreu o tio Manuel aleijadinho*.

Já tínhamos prometido àquela santa velhinha que, depois das obras na casa duma das filhas, daríamos um arranjo à cozinha dela e lhe faríamos um quarto de banho, para se lavarem e poderem fazer as suas necessidades sem ser à vista de olhos estranhos.

Deixando-lhes uma palavra de conforto e de esperança partimos com a boa impressão da união daquelas famílias que mais nos pareceu uma só. Os pobres, por vezes, dão estes

bons exemplos que nem sempre encontramos nos remediados.

Logo a seguir procurámos o *padrinho* construtor. Informou-nos do andamento das obras. Pedimos-lhe que não perdesse a coragem, nem a paciência. Prometemos enviar-lhe mais um cheque e seguimos.

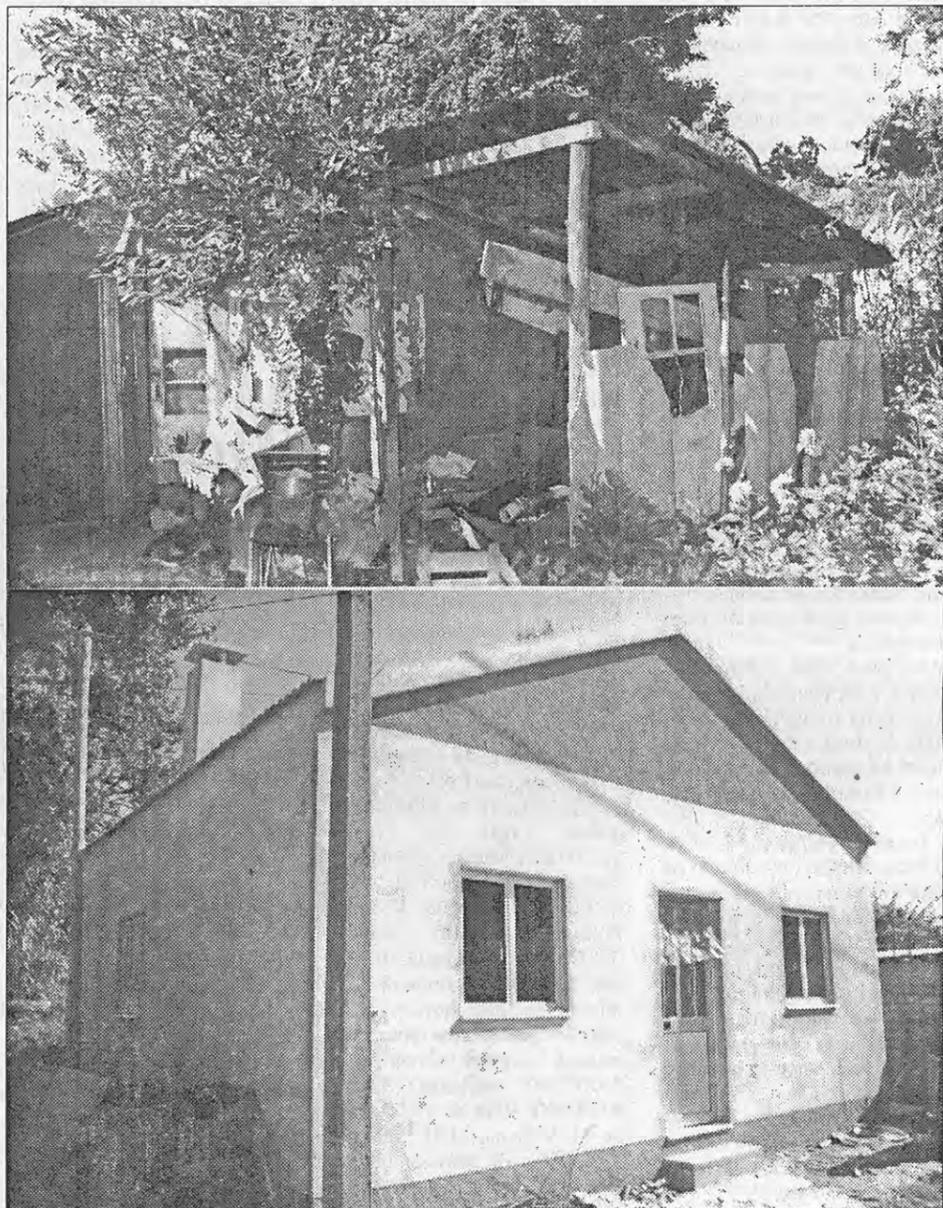
Já longe fomos parar a uma Vila onde nos tinham pedido para aceitarmos um menino de onze anos. O pai abandonou a família; e a mãe, segundo nos informaram, anda a ser encantada por outro. Quer ver-se livre do filho para melhor *gozar* a sua vida.

Ficámos a conhecer mais um panorama muito da vida moderna. O desenlace da família. Vai cada um para seu lado e os filhos abandonam-se.

Era meia-noite. Tivemos de ir acordar o empregado das bombas para encher o depósito de gasóleo. A pouca distância parámos num café ainda aberto. Um pãozinho com qualquer coisa dentro e uma garrafinha de água serviu-nos de jantar.

Eram duas horas quando apagámos a luz do quarto. A tarde fora cheia de problemas de vidas humanas. É a nossa vida.

Padre Horácio



Barraca onde família tem vivido — casa nova que lhes vai ser oferecida.